

estado de poder soccorrer promptamente os que tem necessidade ,, E sem permittir a esta senhora , dar-lhe nenhum modo de agradecimento , elle a conduzio com seus filhos , e a estabeleceu a senhora da sua casa. Naõ procure a malignidade interpretar a seu modo esta acção de generosidade ; em nenhuma occasião elle jamais foi , nem mais puro , nem mais dezinteressado. Mr. de *** ainda aqui naõ parou: Conseguiu tanto pelas suas diligencias que accommodou vantajosamente os dois filhos desta senhora. E como seguia sempre o seu systema de economia , ainda se achou em estado de ter huma carruagem para offerecer á sua amiga , cujos conhecimentos elle recebia em sua casa da mesma forte que ella o fazia antes da sua desgraça ; de maneira que ella conheceo somente que tinha mudado de casa , e naõ de fortu-

fortuna. Mr. de *** se occupa actualmente em pesquisar os meios de preservar a sua amiga de todos os acontecimentos, segurando-lhe huma commodidade que não a deixe dependente se não della mesma. E a sua bolça não está para esse fim fechada para nenhum daquelles a quem elle pode ser util.

Ahi temos pois com que homem está honrado este seculo. O genero humano não tem na verdade merecimento de contar muitos semelhantes a este, por que o Ceo he avarento delles. O proceder deste mortal virtuozo, não he por si fomento hum curso completo de moral, cem vezes mais eloquente que frivolas, e estereis dissertações da beneficencia, e da humanidade? Que deliciosas lagrimas tenho eu derramado na enarração destas acções generosas! Será possível a outros que a lerem quere-las imitar!

tar! eu deixo ao Leitor o prazer delle mesmo avaliar todo o proceder de Mr. ***, de reflectir sobre o animo que teve de se deixar culpar por espaço de tantos annos, de hum vicio abjecto, precisamente para exercitar com maior modestia a virtude contraria. Nesta relação termino o elogio que eu estimaria pagar ao homem de bem, cujo nome não pronuncio senão com respeito, e ternura; e poderia eu formar hum que fosse digno delle?

II.

Da Cortezania.

68 A Cortezania he a continuada attenção que incita inspira a humanidade a agradar a todo o mundo, e a ninguem offender. Hum homem que possuísse todas as virtudes sociaes, teria necessariamente a cortezania em soberano gráo.
Os

Os semfaborozos cumprimentos, as baixas complacencias, palavras, expressões affectadas, e reverencias, fazem o adulator fervil, e não o homem polido. Este genero de cortezania não he mais do que a imitação da verdadeira.

A Cortezania se divide, em trez ramos, a *Civilidade*, a *Complacencia*, e as *Decencias*, ou *Respeitos obzequiosos*.

Da Civilidade.

69 A Civilidade he hum ceã remonial de convenção, estabelecido entre os homens com o intuito de se darem huns aos outros demonstraçoẽs exteriores de amizade, de estimaçoã, e de consideraçoã. Este ceremonial he diferente nos differentes povos civilizados; porem todos tem hum, qualquer que seja.

A civilidade he a respeito dos homens o que o culto exterior he

he a respeito de Deos; hum testemunho publico dos nossos sentimentos interiores. O melhor modo, e o menos suspeitozo de testemunhar aos homens amizade, estimação, e consideração ferial favorecê-los, ou render-lhes bons officios, mas a occasião de os servir de hum ou de outro modo não se apresenta a cada instante. Logo fezse indispensavel concordar certos signaes, certas demonstraçoẽs pelas quaes se lhes pudesse verificar habitualmente que se amaõ, que se estimaõ, e que se veneraõ. Cada nação escolhêo os mais conformes á sua idéa, e ao seu gosto, porque, a maneira de chegar ás pessoas de diferentes estados, de os laudar, de os respeitar, os termos de que se deve usar discorrendo na sua presença, não são os mesmos em todos os casos, e variaõ differentemente.

Em vaõ os rusticos declamaõ
con-

contra a civilidade ; porque , como devemos ter amizade , benevolencia , e consideração para os nossos semelhantes , para que he fazer misterio de sentimentos tão justos , e tão indispensaveis ?

He verdade que ha mais homens civiz do que os que sejaõ fieis aos deveres da Sociedade ; mas a sua mesma civilidade ainda que falsa , he hum testemunho que elles prestaõ , ainda que a seu despeito , ás virtudes sociaes.

Se não se possue esta civilidade que se annuncia pelos modos cortezes , pode-se ter a que mostra o homem de bem , e o Cidadão. Em lugar de fer artificiozo para agradar , he sufficiente fer bom ; em lugar de fer falsario para lizonjear as fraquezas dos outros homens , he bastante fer indulgente.

A civilidade deve ser variada pelos diferentes sentimentos q a podem inspirar. Por tanto , a
Cor-

Cortezania dos Grandes deve ser de humanidade; a dos inferiores de reconhecimento; a dos iguaes de serviços mutuos, e de estimação. A estimação he mais adulaçõra do que a amizade, e do que o mesmo amor: ella captiva melhor os corações, e não fórma jamais ingratos.

Mas geralmente, a civilidade q̄ excita a honestidade de sentimentos, não se offende de distinguir á primeira vista os estados, e as graduacões, ella tem principio em respeitar todos os homens, e não se permite que affecte desprezo para ninguem, de qualquer condiçãõ que seja, se a pessoa he homem de bem. E que he mostrar desprezo a alguem? He fazer-lhe conhecer que não se lhe reconhecem boas, nem más qualidades.

70. O desprezo he huma chazga insupportavel para o coraçãõ humano. O habito não nos pode acostu-

acoftumar a elle ; e a virtude que algumas vezes pode fuffocar a dôr que ella causa , não pode defvanecer a lembrança delle. Qualquer poder , e qualquer autoridade que sobre nós se tenha , nunca julgamos q̄ haja direito de nos desprezarem.

Vòs desprezais a gentalha , e tendes razão , se os vossos desprezos não recahirem fenaõ sobre a fua incivilidade , sobre a fua ignorancia , e sobre a vileza dos feus sentimentos : em cada hum porem dos que compoem o vulgo , contemplai homens como vòs fois , amai-os por este titulo , e fupportai as fuas faltas. Sêde com efpecialidade indulgente para aquelles a quem a defventura abate : as voffas arrogancias , e as voffas afperezas , lhe faraõ ainda mais acerbos o sentimento das fuas defgraças. Hum defgraçado he huma coufa fagrada. Mas nesta mesma ^{claffe} tao humilde , quantos homens, fi-
mi-

milhantes ao diamante em bruto nada mais esperaõ do que huma maõ que os saiba trabalhar para terem hum luzimento eclipsante? Aquelle que vós desprezais, he talvez o diamante bruto que mereceria estar no vosso lugar. O mesmo digo a respeito dos servos, são homens; elles ja nesse estado são unicamente dignos de lastima por estarem reduzidos á escravidão. Quão baixa, e vil seria pois a exprobação de hum nascimento obscuro? ella não prova jamais q̃ a vileza de quem a faz.

** Os homens são iguaes, não he o nascimento, he somente a virtude quem os constitue differentes. **

Eis-ahi pois o que se tem repetido cem vezes, e sempre inutilmente. He preciso hum merecimento muito superior, muito estronduzo para attrahir por força a estimação, quando não se possue riquezas que se fação patentes, nem hum nome que allegar. O ouro, e o nasci
k men-

mento se tem feito senhores exclusivamente das preferencias, da estimaçãõ, e das attenções. Reparai com que desdem faustuoço se recebe o homem que não tem por si nenhuma cousa mais do que o seu merecimento modesto. De balde tentaria elle grangear para si, pelos seus sabios, e judiciozos discursos, a attençaõ que se lhe deve; se elle falla, apênas he ouvido, e a altivez daquelles em cuja presença se acha, multiplicando a sua timidez, perturba-se, e mal articula huma fraze solta, e sem lhe dar tempo de tomar alento, interrompe-se, e se lhe volta as costas, e a fora disso he sentenciado irrevogavelmente, e sem appellaçãõ. Quem escreve estas regras, bem conhece que, longe de exagerar, he muito inferior ao retrato fiel do que se passa no mundo ácerca de hum homem obscuro, que não he assas deszaforado para se fazer valer, e divulgar. Diz-se q̃ pobreza não he vicio;

cio; he muito peor ainda; porque não se foge o viciozo, e affasta-se muito cuidadamente do pobre. Nem ainda se tira informação de quem elle possa fer; muitas vezes toda a sua desgraça he não ser rico; isto he mais do que se necessita para nos parecer que temos jus para o humilhar. Se a honestidade do nosso coração nos permittisse fazer huma satyra, quantas passagens poderiamos citar para humilhar a nosso modo todos esses loucos Midas, todos os bellos discursistas em lugares communs, sobre a humanidade, a bondade, os respeitos, e de quem toda a virtude está em frases bem compassadas, e proferidas com hum tòm sobremaneira precioso, e affás pedantesco. São sepulcros gessados, em cujo interior he precizo desviarmos-nos de esquadrihar. Qualquer que não conhecer outra razão mais do que a de ser útil aos outros homens, tem grande precizaõ de saber, que fazer

o bem traz com siigo mesmo a sua recompensa, porque não tardaria em perder o animo á vista de procedimentos tão sediciozos. Mas venturozamente tem fatisfações incognitas que o compenſaõ amplamente, e o elevaõ muito acima dos que o desprezaõ. Ao mesmo tempo que he tão facil áquelle a quem distingue o nascimento, a elevação, ou a riqueza de se fazer amar, para que prefere elle o incomprehensivel prazer de se fazer detestar? A natureza, e a fortuna tem obrado tudo em seu favor; alguns signaes de bondade lhe vaõ attrahir todos os corações, e elle não se quer aproveitar das suas vantagens. He com tudo tão suave fer amado!

Da Complacencia.

71 A Complacencia he huma condescendencia honesta, pela qual dobramos a nossa vontade para

ra a pôr conforme á dos outros homens. Eu digo hũa condescendência honesta, porque ceder negligentemente á vontade de outro, não obstante criminoza, seria antes ser complice do que civil.

A complacencia consiste pois unicamente em não contrariar o gosto de quem quer que seja, em tudo o que he indifferente para os costumes, do mesmo modo auxilia-lo quanto he possível, e prever-lo quando se soube adivinhar. Se não he a mais excellente das virtudes, quando pouco he muito util, e muito agradavel na Sociedade. Tende hum caracter docil, e affavel, não seja vossa a vossa mesma vontade, fogeitai-a, accomodai-a ao gosto de todos os vossos amigos, viajai na frente de todos os seus dezejos, fatisfazei-lhos com bom modo, e facilidade, vòs ferejs amado, e querido de todo o mundo.

Dos Respeitos obzequiosos.

72. *Respeitos obzequiosos* são attenções e considerações fundadas sobre as circumstancias, ou sobre o genio, ou a qualidade das pessoas. Por exemplo. Não satyrizeis na presença de hum togado os homens peritos nas leys, especialmente se a sua probidade o resalva de vituperio; e quando o merecesse, não esqueçamos que a verdade tem suas nudezas offensivas, que algumas vezes convêm conservar cobertas. Estais diante de hum Grande, aquem cada hum se affadiga para respeitar; conformai-vos ao uso, venerai-o como os outros; não o louveis, se elle o não merece, mas, não lhe recuzeis huma homenagem muda. A subordinaçãõ, tão necessaria para a policia de hum Estado, seria muito depressa destruida, se o povo, ao menos em publico, não venerasse

se jamais os grandes se não á proporção do que elles valem. Não affecteis semblante alegre na presença de hum afflicto que chora os seus dezaftres, ou as suas perdas; isto seria insultar a sua dor.

He preciso alguma sorte de talento, ou ao menos de juizo, para ser capaz de considerações. O uso do mundo pode fazer hum homem civil; a bondade do seu coração pode-o constituir cortez; mas hum nescio será sempre novo na sciencia dos respeitos; de outra maneira as decencias, ou os decóros.

73 Estimavel mocidade, eis-aqui a que se reduzem os principios das virtudes, e dos devêres que vós deveis praticar, e que eu tive o gosto de recolher, e de ajuntar para vós. Podereis vós encontrar nelles encantos, e poderaõ elles produzir fruto nos vossos corações! aos mais deixo os seus espectaculos, os seus divertimentos
fri-

frivolos, as suas loucuras; são enfermidades sem nenhuma esperança. Porem vós, a innocencia he a vossa partilha, he a vós que eu me tenho ligado; consenti que eu seja vossa guia; eu não vos quero conduzir senão por verêdas matizadas de flores, e assim para minha recompensa, como para me obrigar a continuar, nada mais vos peço do que hum sorrizo que me dê signaes de que as minhas lições vos são agradaveis, e uteis.

F I M.

INDICE

Prefacio pag. v

Noções Preliminares I
 Num. pag.
 I.

<i>Do homem, e das suas facul-</i> <i>dades N. 1.</i>	pag. 2
<i>Do Entendimento N. 2</i>	3
<i>Da verdade, e do Erro N. 3.</i>	3
<i>Da vontade N. 4.</i>	4
<i>Da Felicidade N. 5.</i>	4
<i>Da Liberdade N. 6.</i>	4
<i>Definições dos costumes, e da</i> <i>Moral 7.</i>	6
<i>Da Razão 8.</i>	7
<i>O que he ley, e obrigações? 9.</i>	8
<i>Quantas sortes de obrigações? 10.</i>	9
<i>Quantas especies de leys? O</i> <i>que he crime, falta, Pro-</i> <i>bidade, Virtude, Justiça,</i> <i>Equidade. 11.</i>	10
	O que

<i>O que he Jurisprudencia, e o Direito? N. 12.</i>	pag. 13
<i>O que he Consciencia, e Re- morfos? 13.</i>	15
II.	

<i>Divizaõ, e Fundamento da Moral 14.</i>	17
<i>Differença entre a Moral da Razaõ, e a Moral da Religiãõ 15.</i>	17
<i>De que principio deduz a Mo- ral os deveres do Homem 16.</i>	18
<i>Differença do Amor proprio, e do Amor de si 17.</i>	19



PRIMEIRA PARTE.

Moral da Razaõ.

<i>Divizaõ da Moral da Razaõ 18</i>	24
<i>Dos differentes estados do Homem 19.</i>	24

ARTIGO PRIMEIRO

<i>Dos Deveres do Homem rela- tivamente a si mesmo</i> 20.	29
<i>Do cuidado do seu corpo</i> 21.	29
<i>Do cuidado da sua Alma</i> 22.	30
<i>Cultura do Espirito, e conhe- cimentos</i> 23	31
<i>Do que forma o Coração, Differença da Virtude, e do bom Natural</i> 24	33

CAPITULO PRIMEIRO

N. pag.

<i>Da Sabedoria</i> 25	35
I.	
<i>Da Circunspecção nos Senti- mentos</i> 26	36
<i>Do Orgulho, e da Modestia</i> 27	37
<i>Dos Appetites Corporaes, Di- gressão sobre as Paixões</i> 28	39
<i>Da Avareza, da Prodigali- dade, e da Economia, do</i>	
	Jogo

Fogo 29	43
Da Ambição, de quantas sortes?	
Das Honras, e da Gloria 30	48

II

Da Circunspecção nas Pala- vras 31	55
Da Maledicencia, e da Ca- lumnia, da Indulgencia 32	56
Da Zombaria 33	61
Da Indiscrição, e da curio- zidade 34	65
Dos Discursos livres; da Dis- simulação da Lisonja 35	67
Da Mentira, e Boa Fè 36	68

III

Da Circunspecção nas Acções 37	74
Dos bons Exemplos, da Hy- pocrizia do Escandalo 38	75
Da Honestidade publica 39	79

CAPITULO SEGUNDO

	Num.	pag.
<i>Da Fortaleza , ou Virtude ; dos deveres que ella pres- creve</i>	40	80

I

<i>Da Paciencia , e dos males naturaes</i>	41	81
<i>Digressãõ sobre o prazer , e a Pêna</i>	42	82
<i>Dos Castigos , e das Perse- guições</i>	43	85

II

<i>Do Animo</i>	44	87
<i>Da Grandeza da Alma</i>	45	87
<i>Do Desinterêsse</i>	46	88
<i>Necessidade do Trabalho</i>	47	89
<i>Da Emulaçãõ , e da Inveja</i>	48	91
<i>Do Heroismo</i>	49	92
<i>Da Firmeza , e da Contumacia</i>	50	92
<i>Da Intrepidez</i>	51	94
<i>Do Valor</i>	52	95
		Do

<i>Do Desprezo da vida, e do Suicidio</i>	53	95
<i>Do Dezasio, da Vingança</i>	54	97

ARTIGO SEGUNDO.

<i>Dos Deveres do Homem a respeito dos outros Homens</i>	55	99
--	----	----

CAPITULO PRIMEIRO.

<i>Do Amor</i>	56	101
----------------	----	-----

I.

<i>Do Amor da Patria; necessidade de abraçar hum Estado</i>	57	103
---	----	-----

II.

<i>Do Amor Conjugal, ou do Matrimonio</i>	58	108
<i>Do Ciume</i>	59	111
<i>Do Adulterio, do Celibato</i>	60	112

III

III.

Do Amor Paternal 61 116

IV.

Do Amor Filial 62 119

CAPITULO SEGUNDO.

*Da Amizade , e das suas
obrigações* 63 121

CAPITULO TERCEIRO.

Da Humanidade 64 126

I.

Da Bondade 65 128

Naõ fazer mal 66 128

*Da Beneficencia , da Genero-
sidade , da Caridade ; Exem-
plo da maneira de fazer o
bem* 67 130
II.

II

<i>Da Cortezania</i> 68	139
<i>Da Civilidade</i> 69	140
<i>Do Desprezo</i> 70	143
<i>Da Complacencia</i> 71	148
<i>Dos Respeitos obzequiosos</i> 72	150
<i>Concluzão</i> 73.	151.





